



A FOTOGRAFIA COMO MEIO PARA A FABULAÇÃO

PHOTOGRAPHY AS A MEDIUM TO FABULATE

Maria Cecília Conte Carboni¹

Resumo: Esse artigo tem como objetivo, analisar um evento histórico pouco conhecido através de seus registros fotográficos. Tal premissa, por conta das características das fotografias de Revolta de 1824, ocorrida em São Paulo, o evento em questão, requer que pensemos não mais a Revolta de 1924 como um evento, mas sim como um acontecimento. Sendo assim, outras e imprevisíveis possibilidades passam fazer parte dessa análise, que também requer que pensemos a fotografia como meio comunicativo de interações e que permite fabulações e não apenas como meio técnico, que documenta. Dessa forma, este texto defende que acontecimentalizar eventos é também parte do processo de midiaticização.

Palavras-chaves: fotografia; acontecimento; interação; fabulação.

Abstract: This article aims to analyze a historical event through its photographic records. The event in question, requires us to think no more of the 1924 Revolt as an historical event, but as a happening. Thus, other and unpredictable possibilities become part of this analysis, which also requires us to think of photography as a communicative medium of interactions, and allows us to fabulate. Therefore, this text argues that happenings are also part of the process of mediatization.

Keywords: photography, event, interaction, fabulate.

¹ Pesquisadora do Programa de Pós-Graduação de Comunicação e semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Docente do SENAC Sorocaba. cicacarboni@gmail.com



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Midiatização** e Processos Sociais

Raramente estudada e analisada nos seus detalhes a Revolta de 24 é desconhecida da maioria dos brasileiros, ou mesmo dos paulistas, pouco lembrada pela história, apesar da existência de existente literatura que faz sua análise, mas em nada a celebra, se comparada a Revolução Constitucionalista, ocorrida oito anos depois. No entanto, é necessário ressaltar que a Revolta de 1924 guarda traços de complexidade e particularidades.

As particularidades da Rebelião de São Paulo estiveram de um lado na sua intensidade, provocando a movimentação de tropas governistas que, para dominar os militares rebeldes, cercaram e bombardearam a cidade de São Paulo. Por outro lado, essa particularidade deveu-se a sua repercussão, uma vez que da Rebelião de São Paulo resultou a marcha pelo interior brasileiro das colunas Miguel Costa e Luís Carlos Prestes. Essas colunas que acabaram por se fundir numa só, percorreram extensas áreas do território nacional e ultrapassando mesmo nossas fronteiras propiciando aos seus componentes o conhecimento de uma realidade que até então lhes era estranha. (CORREA,1976, pg.1)

A pouco mencionada relação da Revolta de 24 como a formação da Coluna Prestes-Costa, ressalta algumas das demandas políticas do movimento tenentista que, desde 1922, passou a protagonizar e dar materialidade, em forma de levantes, ao desejo de transformar o cenário político brasileiro.

Como nos lembram vários historiadores, entre eles Anna Maria Martinez Corrêa, a Revolta de 1924 não é um evento isolado. Existem dois acontecimentos relevantes que se ligam a ele: a tomada do Forte de Copacabana no Rio de Janeiro, em 1922, marco inicial do movimento tenentista e a partir de 1925, a formação da Coluna Prestes – Costa, que marchou pelo Brasil e teve influência política nos anos que se seguiram, em especial na Revolução de 1930².

Essa complexidade sugere um levantamento mais preciso dessas relações citadas, sugere o trabalho com os rastros, no sentido indicado pelo historiador Carlos Ginzburg, que fala dos rastros deixados por Teseu, quando se utilizava do fio de

² Depois que assumiu a presidência, Getúlio Vargas terá um governo provisório e por quatro anos, o país permaneceu sem uma constituição federal. Essa ausência redundou, entre outros fatores, em outro acontecimento de relevo para São Paulo, a já mencionada Revolução Constitucionalista, em 1932.



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

Ariadne para se orientar no labirinto. No entanto os rastros também podem nos ajudar a nos orientar pelo labirinto da realidade. Os rastros revelam a existência de objetos, mesmo quando negligenciados, pois remontam “a uma realidade não experimentável diretamente” (Ginzburg, 1989). São zonas privilegiadas de uma realidade opaca, que podem permitir seu decifrar.

A investigação dessa pesquisa se faz no sentido de coordenar rastros sem assinaturas, trabalhados numa genealogia de possíveis, que podem ser indicados em pelos menos quatro dimensões, a saber, militar, política, da cidade e cultural.

Na dimensão militar, devemos ressaltar uma divisão dentro do Exército especificamente, sobre as funções que ele deveria exercer. Aqueles identificados com os princípios tenentistas eram desejosos de mudanças políticas e de um papel dos militares no âmbito da política nacional, como por exemplo, novas normas eleitorais. Na dimensão política, é preciso lembrar que a Primeira República foi estruturada sob lideranças de dois estados, São Paulo e Minas Gerais, num rodízio de presidentes, algo que será rompido com o surgimento da Revolução de 1930, com a ascensão de Getúlio Vargas, isso trouxe mudanças também para a cidade de São Paulo, que até então tinha sua riqueza construída em torno do plantio do café e sua comercialização.

Essa riqueza possibilitou que São Paulo começasse a fazer a transição de uma cidade provinciana para uma metrópole. Nessa transição estavam prevista as grandes avenidas, viadutos e *boulevards*, assim como a construção de um grande teatro, nos moldes parisienses, construído pelo arquiteto Ramos de Azevedo. O Teatro Municipal, construída para receber manifestações clássicas da arte, também recebeu a Semana de Arte Moderna, um acontecimento que tentou descobrir uma arte genuinamente brasileira, mas que ao mesmo tempo, mostrou o descompasso entre o contexto de sua realização e as ambições de seus artistas. Como curiosidade, em nenhum momento da Semana de Arte Moderna, uma expressão tão moderna como a fotografia naquele momento, foi sequer lembrada.

Notoriamente, o fato histórico que se descreve está presente nos marcos da cidade ou dos livros, mas falamos de uma realidade complexa, com dados de difícil percepção: nessa tese, estuda-se o acontecimento Revolta de 1924 e seus rastros



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

fotográficos. Dada a complexidade do conceito de acontecimento e sua oposição ao evento histórico, e ainda as características das fotografias da Revolta de 1924, como explicar os curiosos rumos da nossa história política recente por meio de uma narrativa histórica tradicional calcada apenas na descrição de fatos?

A simples descrição de eventos não estabelece uma rede de acontecimentos, até porque, “o sentido do acontecimento excede em todos os sentidos o que é comprovado” (DOSSE, 2010). Nesse sentido, as fotografias da Revolta de 1924, podem ser lidas como uma chave epistemológica, que propõe rastros, que só são “possíveis porque não se apoiam em métodos ou certezas científicas que lhes conferem autonomia e identidade de imediato reconhecimento” (FERRARA, 2015)

Colocar a Revolta de 1924 em perspectiva atual requer trabalhar fatores negligenciados, requer acolher certa alteridade, considerando essas pistas ou rastros, como método que propõe uma genealogia de rastros. Demanda, portanto, compreender a construção ideológica dos tenentes, antes e depois de 1924, as circunstâncias temporais e espaciais de uma cidade em formação, um sistema político novo, mas já desgastado e o ambiente econômico e social frágil, durante a chamada Primeira Republica, e ainda sim, o acontecimento “não se reduz ao seu contexto de emergência”. (DOSSE, 2010)

Através do imprevisível os acontecimentos rompem os limites do evento histórico e fortificam a idéia de uma história em fluxos, onde datas, personagens, uma dada ação e sua consequência não são suficientes para estabelecer a origem do acontecimento e suas continuidades. Rompido esses limites do evento, o acontecimento deixa-se apreender nos rastros do seu fluxo.

Pensamos a Revolta de 1924 em São Paulo, não apenas como um evento histórico, mas é necessário pensá-la dentro do conceito de acontecimento, coordenando esses rastros que o conceito de evento histórico não comporta. Assim, propomos pensar o acontecimento como um meio comunicativo, um sistema aberto, instável e incerto, no qual as informações são constantemente trocadas com o contexto em que se insere, e tampouco estabelecem qualquer fixidez com o tempo, seja o presente ou o passado.

A verdade saiu do terreno do singular, da descrição do ocorrido, da ordem do determinado e do fixo.



II Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

No âmbito da história, Carlo Ginzburg apresenta extenso trabalho no sentido de apresentar, no domínio do empírico, elementos indicadores, “índícios” capazes de, semioticamente, revelar um objeto efetivamente existente, ou seja, um signo/índice capaz de fazer falar um objeto e dar origem a relevante trabalho de pesquisa (...) (FERRARA, 2015,pg.126)

Ao longo de 22 dias, foram registradas 503 mortes e 4.846 feridos e somente um terço desse contingente era militar. Imóveis destruídos pelos bombardeios foram 1800 e calcula-se que o 250 mil paulistanos fugiram na cidade durante o conflito. (ASSUNÇÃO, 2015)

O fio que permite revisitar o caminho de Teseu produz um rastro que propicia o fluxo dos acontecimentos, pois dele, outros rastros aparecerão e outras versões poderão ser contadas sobre o mito. É possível pensar na idéia de que a informação gera informação, dentro desse meio comunicativo do acontecimento.

Feita no plural, fazendo uso de outros métodos, a história escapa de ser uma disciplina de limites definidos, apegada ao concreto, para se tornar uma “disciplina das linguagens flutuantes, das obras informes, dos temas não ligados. Análise das opiniões mais que do saber, dos erros mais que da verdade (...)”.(FOUCAULT, 2002). E talvez dessa forma, se aproximar da “ambivalência de uma ciência pós-moderna” (FERRARA, 2012), como a comunicação.

Existe um conjunto representativo de fotografias da Revolta de 1924 em alguns acervos, todos na cidade de São Paulo e poucas delas têm autoria conhecida. Muitas mostram a destruição que a cidade sofreu, outras mostram a população em sua rotina normal, poucas mostram ações da revolta, todas falam, de algum ponto de vista, sobre a cidade e sua população ao longo dos dias de confronto.

Diante desse conjunto de imagens, é relevante indagar se toda fotografia apenas faz um registro com o equipamento fotográfico. É necessário indagar a função de registro outorgada à fotografia, embora por vezes se tenha tornado totalizante e determinada pela ordem do fixo documental. São algumas dessas fotografias que acabam por acontecimentalizar a Revolta, transformando-a num campo de possíveis e



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

não na comprovação que se espera de uma fotografia, quando vista apenas como um meio técnico e previsível.



A.De Barros Lobo, Fabbrica Crespi a pós bombardeios, na Mooca 1924©,
Acervo Instituto Moreira Salles, São Paulo, 2015

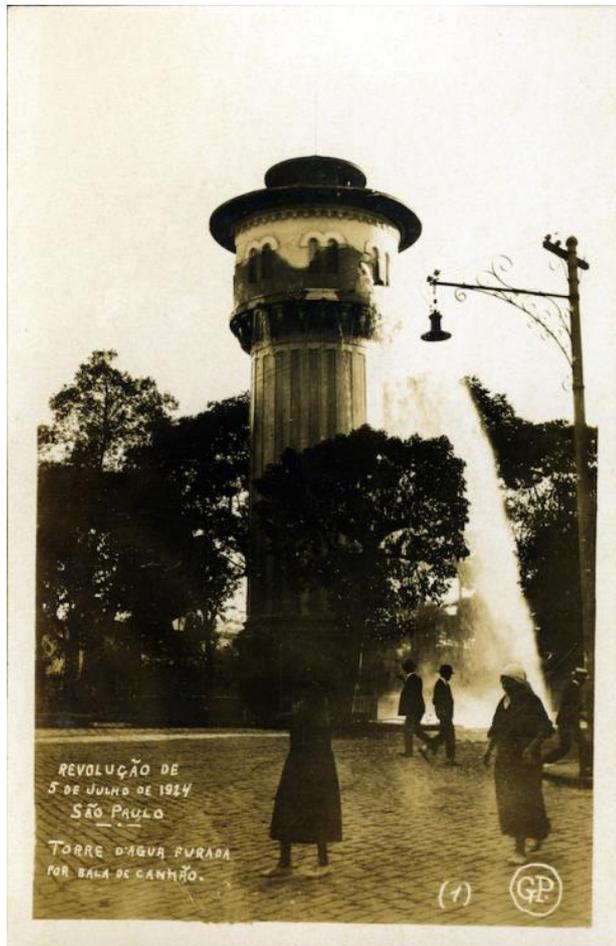


A.De Barros Lobo, Secretaria do 1º Batalhão do Quartel da Luz, 1924©,



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

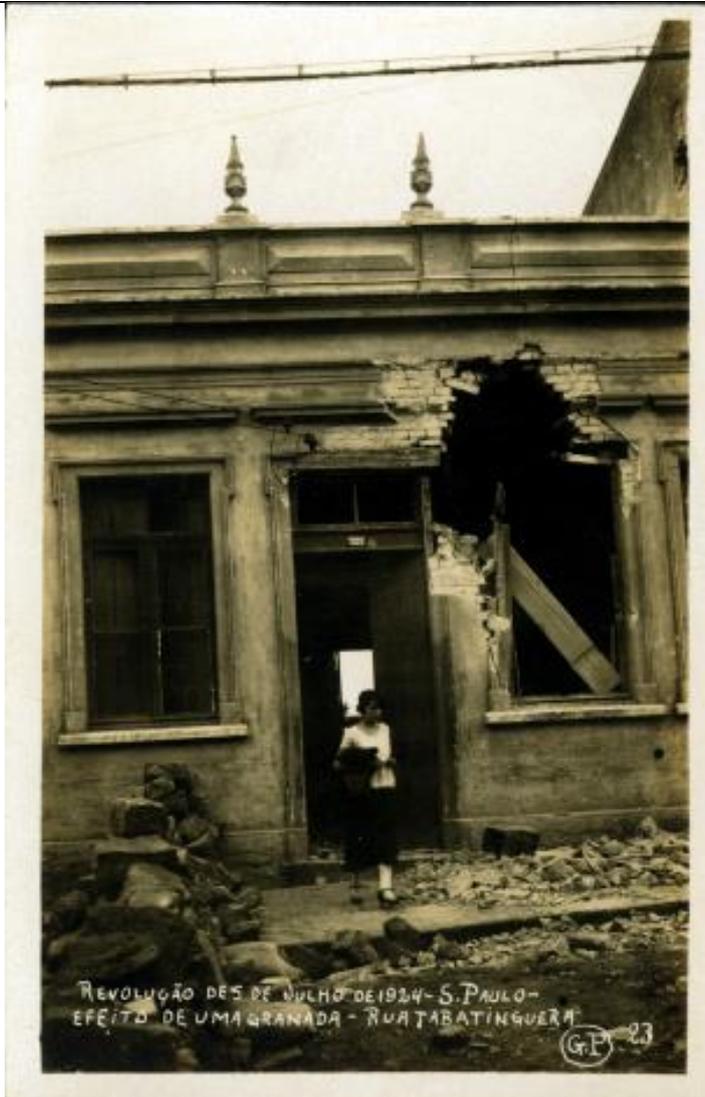
Acervo Instituto Moreira Salles, São Paulo, 2015



Gustavo Prugner, Torre d'água furada por bala de canhão, 1924©,
Acervo Instituto Moreira Salles, São Paulo, 2015



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais



Gustavo Prugner, Efeito de uma granada na rua Tabatinguera, 1924©,
Acervo Instituto Moreira Salles, São Paulo, 2015



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais



Gustavo Prugner, Tropas legalistas de 1924, 1924©, Acervo Fundação Energia e Saneamento, São Paulo, 2015



Autoria desconhecida, Atendimento ao um civil ferido no quartel general dos revoltosos, no dia 07/07/1924, 1924© Acervo Fundação Energia e Saneamento, São Paulo, 2015.



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais



Autoria desconhecida, Famílias fogem da cidade, 1924© Acervo Fundação Energia e Saneamento, São Paulo, 2015

A fotografia não é apenas meio técnico, mas também um meio comunicativo, tendo em vista o caráter ambiental que reabre o meio comunicativo e o faz ir além do meio técnico. No entanto, seu entendimento como tal ainda carece de pesquisa e investigação, visto que,

meios comunicativos vão além das técnicas transmissivas e são constituídos por signos que, organizados, produzem linguagens independentes da maior ou menor versatilidade tecnologia do instrumento que lhes dá suporte e, exatamente por isso, evidenciam inesgotável capacidade de produzir interações, subjetividades, troca entre igualdades não hegemônicas e, por isso, capazes de contemplar ou fazer surgir diferenças. (FERRARA, 2012, pg.27)



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

No caso das fotografias da Revolta de 24, é possível perceber características que vão além do registro, além da possibilidade do meio técnico, efetivamente se transformando em meio comunicativo. Nessa transformação é necessário que o fotógrafo se desprenda da face de registro da fotografia e dessa forma também subverta a idéia de funcionário do aparelho, defendida por Vilém Flusser. Ao verificar que no aparelho existem outros possíveis prontos a serem desvelados se ultrapassa a relação aparelho –funcionário. Nessa ultrapassagem a alternativa é a fabulação em direção aos afetos, ao sensível, a uma criação e não a submissão de um funcionário.

Os rastros deixados pelas fotografias da Revolta de 1924 impulsionam ainda mais suas particularidades e complexidades, são eles que possibilitam “recuperar o sentido do que não foi dado a priori” (DOSSE, 2010,pg.130).

Se na ausência das fotografias, o evento já traz uma carga densa de especificidades, com elas novas tonalidades e nuances tornam esse quadro ainda mais interessante e complexo. Como uma narrativa sem ficção, as fotografias propõem, sugerem, especulam algo em torno da revolta. “Pedra angular do acontecimento, a narrativas que o relata é indissociável”. (DOSSE, 2010). Essa narrativa chamamos de fabulação fotográfica.

Dessa forma, esse artigo assume o argumento de que as fotografias da Revolta de 1924, não registram a revolta, mas fornecem elementos fabuladores que desestabilizam a narrativa histórica clássica sobre o evento, tais elementos fabuladores estão apoiados no conceito de acontecimento como meio comunicativo interativo.

Nessa desestabilização, perde-se a definição e os limites do evento, que resultam em indeterminações, mas que desenham um modo de ser e de se manifestar. Esse descompasso, presente nas dimensões sociais, políticas, artísticas e econômicas daquele momento, também apontam para um descompasso na relação estabelecida entre as fotografias da Revolta de 1924 e o evento histórico, revolta de 24.

Assim como perguntamos, o que as fotografias da revolta podem revelar à História, devemos também nos perguntar o que a fotografia revela sobre o evento histórico. Seria possível que ao registrar eventos históricos, tornando-os plenamente visíveis, a fotografia cria também um algo invisível? Algo que não nos é possível ver?



II Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

A fotografia vai além de sua natureza técnica e testemunhal, ela pode promover derivações daquilo que registra, provocar sentimentos, estimular pensamentos, confusões, desestabilizar e questionar o aparente. Talvez por isso ainda não seja aceita como um documento plenamente, no sentido tradicional, como um documento escrito, impresso ou manuscrito, como defende o historiador Boris Kossoy.

Creio que não haveria exagero em dizer que sempre existiu um certo preconceito quanto à utilização da fotografia como um fonte histórica ou instrumento de pesquisa. (KOSSOY, 2001,pg.34)

Vista não mais em sua condição técnica, a fotografia rompe com a fixidez do registro e se lança para outras provocações, rompendo com a tradição da escrita como a única possibilidade do saber e do conhecimento. Rompe também com os paradigmas de registro da comunicação, já que “não é transmitida segundo um sistema codificado de signos” (KOSSOY, 2001). Aliás, a fotografia cria seus próprios códigos e tipo de comunicação, que não é da ordem da transmissão, nem da mediação, mas sim da interação, onde a relação entre emissor e receptor não é mais linear e previsível.

A imagem é uma questão tão crucial que todo mundo quer saber o que é, quando a questão seria antes saber o que faz esta imagem específica, o que ela faz que outra imagem não faz. (Revista ZUM, 2017)

A fotografia torna possível que o conhecimento sobre o passado esteja em movimento, em processo de fluxo constante e simultâneo, rompendo com os cânones dos documentos e dos eventos históricos, propondo rupturas com o já está estabelecido e dessa forma, portanto, contestando um meio técnico e o inserindo dentro dos meios comunicativos.

Enquanto um meio técnico, ela propõe mudanças na comunicação, assim como uma mudança sociocultural, pois ela permite outra percepção sobre a Revolta, quando revisitada através das fotografias. Mais do que um meio técnico, a fotografia trata de



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

criar certa ambiência (GOMES, 2016) para que seja possível propor novas abordagens sobre a Revolta, isso só é possível quando acontecimentalizada

A fabulação está presente em processos de mediação, justamente porque acontecimentalizam os eventos, dão visibilidade epistemológica a eles, ou seja, transformam o evento em agente heurístico de investigação. Esse agenciamento dá origem à fabulação como narrativa que trama o diagrama semiótico de idéias.

Podemos entender a fabulação como sendo parte do processo de interação, onde se perde a informação de registro do meio técnico e ganha-se complexidade ao interagir com o contexto e seus rastros, adquirindo outras definições e particularidades. A mediação, enquanto consequência do meio técnico fabula os eventos que nela ocorrem.

Para entendermos melhor a questão da fabulação dentro do campo da comunicação, é de grande valia pensar nos aspectos da interação, que não reconhece emissor e receptor como algo separado e individual, “(...) as interações são surpreendidas, precisam ser acontecidas através da atenção empírica e são passíveis de acontecimentalização”. (FERRARA, 2015). O aspecto permissivo do acontecimento, que permite que ele se refaça a cada nova investigação, encontra consonância com a interação comunicativa, essa de natureza imprevista, que transforma os meios comunicativos.

Na afirmação de Marshall MacLuhan de que o meio é a mensagem, o meio é seu conteúdo e no caso da fotografia, desde seu surgimento, ela já se propunha a ser mais que registro, nela já havia subjacente a transgressão do real, um aspecto criativo dado pelo meio, pelo próprio dispositivo técnico, que em suas operações de fixação e revelação podiam transformar a imagem registrada, fazendo-a não mais fiel com a cena fotografada.

As questões em torno da mediação revelam o quanto das identidades e subjetividades é construído a partir das interações com os meios. Retornar a um evento histórico de quase cem anos atrás fala da necessidade de compartilhar “(...) vivências entre as pessoas de todas as gerações” (GOMES, 2016), através da comunicação, da natureza do indeterminado e que afeta outras áreas de conhecimento, como a história.



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Midiatização** e Processos Sociais

Referências

ASSUNÇÃO, Moacir. 2015. **São Paulo deve ser destruída**. São Paulo: Record, 280 p.

CORREIA, Ana Maria Martinez. 1976. **A rebelião de 1924 em São Paulo**. São Paulo: Hucitec. 201 p.

DOSSE, François. 2010. **O renascimento do acontecimento**. São Paulo: Editora UNESP, 361 p.

FERRARA, Lucrecia D'Alessio. 2012. **Os nomes da comunicação**. São Paulo: Annablume. 229 p.

_____. 2015. **Comunicação, Mediações, Interações**. São Paulo: Paulus. 216 p.

FLUSSER, Vilém. 1998. **Ensaio sobre a fotografia**. Lisboa: Relógio D'água editores, 100 p.

FOUCAULT, Michel. 2002. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 541 p.

GINZBURG, Carlo. 1989. **Mitos, Emblemas, Sinais**. São Paulo: Companhia das Letras, 288 p.

GOMES, Pedro Gilberto. 2016. **Midiatização: um conceito, múltiplas vozes**. Famecos, v.23, n.2.

Revista ZUM. – Instituto Moreira Sales. 2017. **Compreender por meio da fotografia**, São Paulo, São Paulo n. 13, p. 86-103.

KOSSOY, Boris. 2001. **Fotografia & Historia**. São Paulo: Atêlie Editorial, 184 p.